

**O BRINCAR COMO SUSTENTÁCULO
DA SAÚDE MENTAL DA CRIANÇA**

**PLAYING AS SUSTAINABILITY
FOR CHILDREN'S MENTAL HEALTH**

Vera Maria Barros de Oliveira

Universidade Metodista de São Paulo

Academia Paulista de Psicologia

ITLA

Rosely Aparecida Prandi Perrone

Psicóloga Clínica e Hospitalar

Resumo: O brincar expressa a cultura, inova e retém nossa história. A brincadeira simbólica vem a ser uma fonte para leitura psicológica. Os jogos de regras introduzem à sociedade sustentáculo para sua saúde mental. Acompanhar sua trajetória ajuda a valorizá-lo e prevenir riscos. Verificar a importância da brincadeira na formação da identidade social e cultural da criança em ambiente familiar. Pesquisa documental histórica com análise interpretativa sobre o brincar através de várias gerações em ambiente familiar. Foram analisadas publicações, filmes, fotografias e realizadas entrevistas com os membros de uma família. Verificou-se a riqueza do brincar ao longo do tempo, nas festas e reuniões, principalmente nas gerações antigas. A pesquisa revelou a riqueza das brincadeiras em família, através de seis gerações, e sua relevância na construção da identidade social e cultural das crianças. Alertou, contudo, para o risco para sua saúde mental, devido ao menor contato de brincadeiras ao ar livre, com a diminuição progressiva dos espaços e tempos disponíveis no dia a dia das famílias.

Palavras-chave: Brincar em família, Brincar junto à natureza, Brincar através de gerações.

Abstract: Play expresses our spontaneous culture, it innovates and retains our history. The symbolic play is a source for a psychological approach. The games of rules introduce to society the sustainability for its mental health. Tracking their trajectory helps value them and prevent risks. To verify the importance of play in the formation of the social and cultural identity of the child in a family environment. Historical documentary research with interpretative analysis about playing through several generations in a family environment. Publications, films, photographs and interviews with members of a family were analyzed. The richness of play was verified over time, at parties and meetings, especially in the older generations. The research revealed the richness of playing in the family, through six generations, and its relevance in the construction of children's social and cultural identity. It warned, however, of the risk to mental health, due to the less contact with games outdoors, with the progressive reduction of spaces and times available in the daily lives of families.

Keywords: Playing in the family, Playing in nature, Playing through generations.

Introdução

O brincar, parte inerente de nossa vida e história, conserva, expressa e recria nossa cultura. Supõe liberdade, bem-estar e confiança em si e no outro, assim como experimentar espaços e tempos compartilhados, vivências e sentimentos indispensáveis à construção de nossa identidade social e cultural e à nossa saúde física e mental.

Na visão profunda e clara de Winnicott (2005), brincar representa uma conquista, um espaço a ser construído através da vida, e deve ser sempre espontâneo, mesmo em situações terapêuticas, sem ser dirigido ou solicitado. Vem a ser uma experiência criativa, desenvolvida num tempo-espaço contínuo, ou seja, em suma, é uma forma básica e saudável de viver.

Neste texto, em que se acompanha a trajetória de uma família brasileira por seis gerações, por meio do alinhavo histórico de suas brincadeiras e narrativas, observa-se o enraizamento do lúdico em seus costumes, assim como o fato de ser um poderoso fator de vínculo entre seus membros e de abertura e comunicação entre as diversas gerações, o que, certamente, favoreceu a saúde mental dos menores e dos mais velhos, em particular.

O buscar lembrarmos-nos de nossas brincadeiras, de certa forma nos faz reviver o passado. Ernest Cassirer (1977), um dos maiores pensadores do século XX, em sua antropologia filosófica, ao estudar a cultura humana, escreve que o homem não pode descrever uma lembrança como um simples acontecimento, uma cópia de suas impressões na ocasião, uma vez que o lembrar não vem a ser uma mera repetição do ocorrido, mas supõe uma criação e uma construção. O recordar supõe uma reorganização de nós mesmos e vem, desta forma, a ser característico da memória humana que, ao se lembrar, reconstrói seu passado, sua vida.

Essas considerações adquirem também seu valor ao tratarmos do Brincar, porque ao vivê-lo estamos não apenas construindo nossa identidade pessoal associada à cultural e à histórica, mas além disto, armazenando lembranças boas de alegria, convívio prazeroso e criatividade, que, mais tarde, conseguiremos resgatar ao recordar nossas brincadeiras.

Ainda no âmbito da Filosofia, Maffesoli (1996) nos propõe elaborar um saber que incorpore a incerteza, o imprevisível, a desordem, a efervescência da vida. Lembra-nos de considerar parâmetros aos quais costumamos não dar o devido valor, como os associados ao imaginário, ao onírico coletivo e ao lúdico. Nesta linha de pensamento, salienta a ligação entre o simbólico e a intuição do que está por vir, ligação esta que nos faz perceber, por vezes, o despertar de fenômenos sociais que, apesar de ainda em estado embrionário, estão já a se construir.

O desenvolvimento de uma Psicologia Social crítica (Lane, 2002) vem sendo observado graças a pesquisas e reflexões sobre a realidade e o ser humano, em

categorias fundamentais de seu psiquismo, como sua consciência, atividade, identidade e afetividade, em suas semelhanças e diferenças sociais. Nesse sentido, o acompanhamento histórico do Brincar, através do tempo de um grupo familiar, pretende contribuir para tal reflexão.

O fato de uma das autoras, que relatam e comentam esta trajetória, estar na quarta geração do percurso descrito e analisado, vem a gerar uma perspectiva favorável a essa leitura histórica, uma vez que possibilita acesso mais fácil a dados da 1ª e 2ª gerações do estudo, seus avós e bisavós, assim como ainda favorece o acompanhar de perto a 5ª e 6ª gerações, das quais fazem parte seus filhos e netos, já dando início à dos bisnetos...

As grandes linhas da evolução do Brincar: a construção simbólica via corpo e o ingresso saudável no universo social

Ao acompanhar de perto o nascimento das primeiras manifestações simbólicas da criancinha, como sua linguagem, memória e imaginação, constata-se que esta trajetória vem a ser um desafio e também uma oportunidade de vislumbrar um pouco da riqueza e versatilidade do universo infantil que desabrocha para a vida social e cultural.

A trajetória lúdica simbólica e social da criança, que se inicia por brincadeiras corporais, ditas sensório-motoras ou ainda de exercício (Piaget, 1964), supõe um ambiente acolhedor, já nos primeiros meses, o qual prioriza a conservação dos espaços e tempos vividos, com rotinas e cuidadores amorosos e frequentes. O tempo rítmico que repete o vivido e propicia o reencontro alicerça a construção da noção de tempo e de espaço e dá segurança física e emocional à criança. É interessante observar como, na linha da vida, ao envelhecer, o homem, ao perceber que suas condições físicas e psicológicas, por vezes, também carecem de maior cuidado e atenção, vem a se beneficiar de certa rotina, que previne mudanças bruscas em seu dia a dia, as quais podem causar estresse e ansiedade. Por outro lado, nos lembram como o lúdico vem a ser uma grande estratégia para manter vivos os processos mentais e a sociabilização ao longo da vida. Essas considerações fazem-se significativas igualmente no ambiente familiar, no qual os laços de afeto estão presentes entre avós, bisavós e netinhos, como o relato deste estudo exemplifica a seguir.

A construção do pensamento simbólico, que finca suas raízes e inicia sua trajetória com o bebê, dá-se inicialmente no desenvolvimento sensório-motor, o qual, por sua vez, vem já a ser iminentemente interativo com o meio ambiente como tal. O fato de o bebê não ter ainda consciência desta sociabilização não quer dizer, em absoluto, que ele não sinta corporal e afetivamente necessidade do outro, do contato físico e amoroso das pessoas com as quais convive e que,

inclusive, já brincam com ele. Estudo evolutivo sobre a brincadeira da criança de creche de 18 a 36 meses (Oliveira, 1992) descreve e analisa o caráter rítmico, cíclico e concêntrico do início do brincar com o corpo da criancinha, de 18 a 24 meses, que antes de brincar já examina o ambiente, no qual busca identificar alguém que conheça e confie, junto ao qual assenta seu território de base para suas explorações, ao qual retorna periodicamente.

Ainda sem ter desenvolvido sua consciência social, vê-se como a criança vive a necessidade física e afetiva da proximidade do outro, para se soltar e brincar. Apesar de predominantemente corporal e exploratória, sua brincadeira já apresenta flashes de uma representação simbólica. Da mesma forma, sua comunicação ainda muito auxiliada por suas posturas, gestos e mímicas, torna-se progressivamente verbal e organizada. Ao acompanhar crianças por 18 meses, a pesquisa evidenciou a gradual e progressiva comprovação da emergência das manifestações semióticas, como a linguagem, a imaginação, a memória imagética, que, ao evoluírem, se entrelaçam e se reforçam umas às outras, possibilitando inclusive, que a criança crie brincadeiras de faz-de-conta com estruturação de tempo e espaço, nas quais, muitas vezes, reproduz situações da forma como as viveu, com mais de um personagem, que se movimentam, conversam e agem, realmente como num cenário teatral.

Com Caillois (1992) vemos a riqueza das brincadeiras simbólicas, que não se organizam por regras fixas, mas que se desenvolvem com liberdade e improvisação ao propiciar à criança representar um papel e agir como tal, seja de uma pessoa, um animal ou até um objeto, como um avião, como exemplifica. Comportam a sensação e o sentimento de agir “como se”, que ocupa e antecede o lugar das regras, porque tal forma de representação supõe justamente o faz-de-conta ao poder encarnar vários papéis sociais dentro de um cenário de caráter mágico e encantado.

No exemplo acima descrito, das crianças da creche, justamente foi observado como, em sua evolução no tempo, a brincadeira simbólica adquire progressivamente um caráter social.

A criança dá evidências de construir sua memória social, de aprender a expressar o que viveu, por meio da linguagem, do brincar ou do desenho, ou seja, de formar sua identidade pessoal, social e histórica, construída no tempo e no espaço compartilhado com quem convive, condições básicas de sua saúde física e mental. A Psicologia da Saúde evidencia atualmente a contribuição das influências sociais para a saúde e o bem-estar ao longo da vida (Lyons & Chamberlain, 2008).

As mútuas contribuições da Psicologia Social e da Psicologia da Saúde, quanto a práticas, saberes e sentidos (Spink, 2003), em seus mais variados contextos, demonstram a relevância do viver cotidiano na produção de sentidos. Apenas à medida em que a criança e o jovem encontram acolhida e

segurança em ambiente amoroso, confiável e estável, é que conseguem se afirmar e se desenvolver de forma saudável.

A maneira como a criança conta algo que viveu, por meio da linguagem ou do brincar, revela se e como ela se sente parte efetiva e afetiva de sua família, escola, ou qualquer outro grupo ao qual esteja inserida. Essa sensação de pertencer, de se sentir parte de um meio social, ainda que esboçado de maneira inconsciente, cria e fortalece sua possibilidade de vivenciar e desenvolver sua comunicação com o outro e sua ação criativa no meio onde vive, de desenvolver sua identidade social e cultural de forma saudável (Benjamim, 1984).

O Brincar e a Saúde: sua evolução e sua contribuição

A definição de saúde embasada em uma visão biopsicossocial, apresentada pela Organização Mundial de Saúde (WHO, 1948), explicita a íntima relação entre saúde, doença e vida social. Nessa visão, o suporte social, um dos conceitos centrais da Psicologia da Saúde, age como mediador entre eventos estressores e a saúde (Siqueira & Padovan, 2008). O reconhecimento da importância de atividade física, como promotora, mantenedora e restauradora da saúde, vem sendo incentivado no Brasil por política nacional de promoção de saúde, com o agendamento prioritário de práticas corporais por entidades públicas (Castro; Gosch & Cruz, 2009).

Atenção crescente também tem sido dada ao lúdico como estratégia preventiva na qualidade de vida das crianças, segundo Pèrez-Ramos (2010), que relata avanços da Psicologia da Saúde e da Medicina Reparadora, assim como da equipe de profissionais de atendimento à saúde. Tais avanços, especialmente referentes a situações de risco, de vulnerabilidade e de proteção e resiliência, abrem boas perspectivas para a promoção do bem-estar, da qualidade de vida e do desenvolvimento normal da criança, com a prática de recursos lúdicos junto às crianças e maior participação dos pais junto às equipes de saúde, sempre tendo em foco a criança e suas condições de vida, visando sua liberdade de ação e motivação.

Nesse sentido, a importância do lúdico em ambiente hospitalar e ambulatorial vem sendo ressaltada por pesquisas em várias áreas da saúde (Fonseca, 2010; Oliveira, 2010; Perrone, 2015; Perrone & Figueiredo, 2014; Reis & Bichara, 2010; Silva, Borges & Mendonça, 2010), assim como à aderência ao tratamento (Oliveira, 2008). Vários trabalhos fazem inclusive menção à formação e utilização das brinquedotecas hospitalares, onde prevalece o brincar livre e espontâneo (Azevedo, 2010; Going & Carneiro, 2010), ou ainda sobre a criança com leucemia em seu tratamento (Vieira, Matos, Ivo & Carneiro, 2010). No mesmo enfoque, vem sendo desenvolvidas pesquisas que estudam a utilização do lúdico em situações grupais junto a mães que tiveram um parto prematuro

(Perrone & Oliveira, 2017).

Em suma, a leitura dos trabalhos acima elencados, ressalta também a grande e insubstituível necessidade da presença constante, física, emocional e participativa da família no acompanhamento do processo de busca da saúde da criança e de sua conscientização da importância da atividade livre e prazerosa favorecida pelo brincar.

Também a partir de enfoque psicológico social, o brincar com o outro, visto como caminho de saúde e bem-estar, abordado por Oliveira, Borja e Solé e Fortuna (2010), ressalta a importância das brincadeiras para a promoção da inclusão e transformação sociais, assim como para a convivência intercultural, inclusive em pátios escolares.

Em suma, a pertinência e a validade do Brincar como promotor de saúde física e mental, em seu sentido mais amplo e integrado, e a comprovação de sua contribuição positiva nos mais diversos contextos, como o familiar, o escolar e o hospitalar, assim como as diversas faixas etárias, vem sendo cada vez mais comprovadas.

Metodologia

Justificativa e relevância

Tendo em vista o profundo e amplo suporte teórico que o lúdico possui quanto ao desenvolvimento integral da criança, assim como o crescente e significativo número de pesquisas que comprovam sua relevância para a conservação e recuperação da saúde, esta pesquisa descreve e analisa a trajetória de uma família por seis gerações, com foco em suas brincadeiras, tendo em vista as transformações históricas, com suas possíveis ameaças aos espaços e tempos do brincar em família.

Objetivo

Verificar a presença e as modalidades de atividades lúdicas na trajetória histórica de uma família e sua possível contribuição para a formação da identidade social e saúde física e mental de seus membros.

Método

Pesquisa documental histórica com análise interpretativa sobre o Brincar através de várias gerações em ambiente familiar. Tal método de análise permite situar o documento localizado, seja ele uma publicação, um registro fotográfico ou filmado ou uma entrevista, no contexto da trajetória de vida pesquisada,

assim como em seu contexto cultural, tanto do ponto de vista histórico, como teórico (Severino, 1996).

No presente trabalho foram analisadas publicações, especificadas ao longo da apresentação dos resultados da pesquisa, assim como filmes e fotografias do acervo familiar e realizadas entrevistas com os membros da família em questão.

Resultados e discussão

Dada a extensão dos dados colhidos, assim como, a sua riqueza e diversidade ao longo do tempo investigado, os mesmos serão apresentados com enfoque em duas grandes categorias: os relativos à narrativa entre as gerações, responsável por possibilitar esta pesquisa, e o Brincar através do tempo, em suas diversas modalidades, espaços e ocasiões.

Da narrativa: os relatos históricos e o contar histórias

- Dos relatos históricos

Os costumes da família, objeto deste estudo, preservados ao longo dos anos, foram conservados inclusive pelo costume dos mais velhos contarem suas histórias de vida aos mais moços, principalmente em tempos antigos, em que não havia televisão e, muito menos, computador, o que possibilitou o registro dessas memórias circunstanciadas, tão cheias de vida e de história. Desta forma, essa trajetória, abaixo descrita em suas grandes linhas, foi transmitida de boca em boca, de avô para neto, de pai para filho, até nossos dias, além de haver sido registrada por escrito em publicações particulares e em escrita publicada (Oliveira, Sawaya Filho & Vilhena, 2014).

A fim de preservar seu caráter íntimo e sua identidade histórica e social, a mesma será abaixo transcrita também na forma de uma narrativa familiar, passada de geração em geração, na medida do possível, sempre preservando seus registros originais.

‘A história de nossa família começa por volta de 1870, portanto há aproximadamente 150 anos e se apoia principalmente nos relatos passados de geração em geração. Inicia-se com breve notícia sobre o, assim dizer, patriarca dessa novela, vovô Chico, como era chamado. Nascido em uma aldeia próxima a Braga, Portugal, veio para o Brasil aos 14 anos de idade. Em Portugal, estudava em um seminário, no qual aprendia latim e rudimentos de grego. Como achasse que não tinha vocação para a vida religiosa, pediu ao reitor, seu padrinho, uma recomendação para vir ao Brasil. Essa carta de apresentação foi dirigida a um comerciante de café. Chegando ao Brasil, vovô que havia já mexido com terra e tinha grande tino comercial, conseguiu amealhar um pequeno capital

comerciando café e casou-se com vovó Vitória, de Minas Gerais, ainda muito nova, com 13 anos. Quando nasceu o primeiro filho do casal, contava-se que, um dia, quando vovô Chico chegou em casa, foi encontrar o filho no berço e a mulher brincando com a boneca no colo. Era uma criança... Mudaram-se para o sul de São Paulo, terras, na época, ainda pouco exploradas, com vistas já a abrir fazendas, o que fizeram. Lá em Faxina, onde moraram no início dessa jornada, por volta de 1880, contava-se que se via índio por perto e onça sentada da estrada. Dessa nossa bisavó, diziam que levantava de longe, somente com o olhar, uma mesa grande de jacarandá, na fazenda onde moravam. Seriam poderes extra sensoriais?'

O registro deste relato histórico comprova já o costume da família de passar de geração em geração sua memória, suas vivências em diversos espaços e tempos. Ao fazê-lo, contribuía para a formação de novos narradores, para que dessem continuidade a essa prática junto a seus descendentes.

A relevância da construção do sujeito narrador é salientada por Smith e Sperb (2007), que analisam como o contar e ouvir histórias colaboram para a organização e riqueza do pensamento discursivo da criança e de sua criatividade, e, desta forma, para ampliar progressivamente sua consciência pessoal e social. Ao lhe possibilitar desenvolver seus recursos cognitivos e afetivos, concorrem também para que se sinta parte atuante de seu ambiente, complexo e em constante mudança. Tais considerações são feitas pelos autores, como justificam, por estarem investigando como se formam os nossos valores, desde a infância, de início, individuais, mas que implicam em uma grande contribuição para o desenvolvimento de uma vida mais digna e saudável, ou seja, que se transformam histórica e socialmente numa ética.

No relato acima transcrito vê-se já a importância da narrativa para a conscientização das crianças das profundas e rápidas transformações históricas, sociais e culturais pelas quais passou a sociedade brasileira nesses 150 anos. Dentre eles, pode-se destacar o costume do casamento e maternidade precoce das meninas, ainda adolescentes, ainda propensas a brincar com bonecas. Por outro lado, observa-se a força da brincadeira simbólica, do faz-de-conta, que, ao que tudo indica, ajudou e deu suporte a essa adolescente a lidar com o cuidar e velar por seu próprio bebê. Observa-se, portanto, como a brincadeira simbólica não corta os laços com a realidade, mas, ao contrário, contribui para que ela seja melhor compreendida e vivida (Oliveira, 1992).

Lendo o relato, vemos que Vovó Vitória, matriarca da família, ainda menina, enfrentou a ida para o sertão, com seu marido português, longe de seus pais. Posteriormente, teve ao todo nove filhos. José, seu caçula, aqui tratado por vovô Zuza, como era costume dos netos chamá-lo, formou-se em Medicina, o que nos possibilita, ao seguir brevemente sua trajetória, pinçar algumas das grandes modificações sociais e culturais pelas quais passou o atendimento à saúde no Brasil, mais particularmente, em São Paulo.

Desde o início de sua carreira médica, Vovô já clinicava muito, atendendo também como médico operador parteiro, como se dizia na época. Naquele tempo havia somente café onde morava, no interior de São Paulo, e os fazendeiros contratavam os médicos para as famílias e para os colonos. A clínica ainda era feita a cavalo ou de tálburi. Era hábito chamar o médico em casa, onde os partos também eram feitos. Havia toda uma técnica e esmero, já que não havia antibióticos e o risco de infecção era muito grande. Isso exigia muita higiene, inclusive no lavar cuidadosamente as mãos, o que vovô, mais tarde, também ensinava os netos a fazerem. Nessa época também não havia anestesia o que obrigava o cirurgião a operar com rapidez para evitar que o paciente recobrasse a consciência antes da hora. Naquele tempo, um mesmo médico operava de tudo, desde o pé até a cabeça, como contava. Felizmente, a família tem ainda seu registro à mão de receitas fitoterápicas em pequenas cadernetas, face inclusive ao fato de a indústria farmacêutica ainda não suprir as necessidades (Oliveira, Sawaya Filho & Vilhena, 2014).

Casados há pouco tempo, foram residir por quatro anos na Europa, principalmente em Viena e Berlim, para vovô aprimorar seus conhecimentos médicos. Foram com um filho e voltaram com três e um a caminho, fôlego esse que mantiveram ao longo da vida, havendo chegado aos treze filhos, cujos descendentes atualmente, atingem mais de uma centena entre netos, bisnetos e tataranetos. A estadia na Alemanha influenciou seus costumes quanto ao cultivo da música e o amor à vida ao ar livre. A inclinação à Medicina também prevaleceu nas outras gerações, que contam com vários médicos.

O fato de ter se aperfeiçoado seu saber e sua prática na Europa, sobretudo em hospitais e universidades de muito contribuiu para sua formação. Além de sua clínica, entre nós, participou ativamente da história da Medicina de São Paulo (Bertucci-Martins, 2005; Lobo, 1949; Pena, 1949).

- Das narrativas dos agregados e empregados da família.

Pessoas próximas à família, muitas delas com contato diário, por vários anos, também contaram suas histórias de vida ou contos ouvidos ainda quando crianças, passados de pais para filhos, formando o caudaloso rio da cultura popular. Muito queridas pelas crianças, estas histórias lhes proporcionaram uma grande abertura de sua visão histórica e social. Algumas dessas narrativas de vida e contos do folclore foram posteriormente registrados (Oliveira, 2018).

Das brincadeiras e jogos

- Os jogos e brincadeiras presentes nos rituais

Os ritos possuem grande valor na trajetória humana porque combinam a conservação da tradição com a espontaneidade do momento vivido nas diferentes

épocas. Trazem consigo a memória e a conservação de valores e costumes dos grupos sociais, como os da família e, dessa forma, possuem funções de coesão intragrupal e afirmação intergrupala (Eliade, 1969). A relevância dos rituais simbólicos para a saúde vem sendo comprovada (Oliveira, 2003, 2006).

O lúdico atuante nos rituais adquire uma presença significativa ao fazer parte da caminhada histórica de uma família, em seus momentos de grande significação e coesão social, reforçando o sentimento de pertencer ao grupo de forma atuante e prazerosa, o que vem a ser particularmente importante para as crianças.

Por sua relevância, principalmente em situações de passagem ou de crise, como as de problemas de saúde, os rituais tornam-se situações privilegiadas de apoio psicológico e de recuperação da saúde (Wyrostok, 1995). Ao longo da trajetória humana, jogos e brincadeiras, tomaram parte ativa nos rituais, criando e reforçando laços sociais, alavancando sua história e sua cultura.

Neste relato, devido à orientação religiosa da família, registram-se a seguir alguns de seus costumes relativos às grandes celebrações cristãs que pontuam o ano litúrgico e que trazem consigo uma mescla de rituais consagrados e costumes populares.

Verifica-se que, em especial, no Natal e na Páscoa, assim como nos batizados e casamentos, o lúdico esteve presente contribuindo para a união e a alegria da família. Contudo, a lenta, mas progressiva descentralização e secularização da família patriarcal, das primeiras gerações, com o falecimento dos mais antigos, associada ao grande e rápido aumento de seus membros e às grandes transformações sociais ocorridas, causou uma transformação nesses rituais, adaptando-os aos diversos momentos. O tempo, ao passar, fez-se ouvir e sentir, trazendo mudanças e exigindo uma progressiva e saudável adaptação da família, que buscou preservar sua união e alegria.

Da mesma forma, as festas juninas foram comemoradas. Assim, por exemplo, na véspera de Santo Antonio, o santo casamenteiro, as meninas enfiavam uma faca no caule de uma bananeira para ver a letra delineada, a qual iria indicar a inicial do seu futuro noivo. Com a mesma ideia, uma vela era acesa para pingar sua cera em um prato d'água e ver a letra que formaria. Nas fazendas, nas festas e nas escolas, dançava-se quadrilha. A queima de fogos era muito apreciada. Fora os fogos comprados, as crianças espremiavam o sumo de uma casca de laranja junto a um fósforo aceso para ver as 'estrelinhas' que se formavam. Pulava-se a fogueira.

O fogo, como artifício mágico para afastar a má sorte ou os maus espíritos, parece ter nascido com a humanidade. Huizinga (2004) explica que a atribuição de poderes de encantamento, benéficos ou maléficos a pessoas ou coisas, personificando-as de certa forma, combinam uma função lúdica a um hábito espiritual, e ainda estão presentes em nosso dia a dia atual, mesmo quando já

nos tornamos adultos, pois são parte do passado mais remoto da humanidade. Como nos ensina, os jogos já existiam muito tempo antes das primeiras formas de cultura humana ou da linguagem surgirem, o que significa que a imaginação e a personificação de objetos são imemoriais. Tais considerações nos fazem compreender ainda melhor a presença do pensamento mágico na criança, como condição inerente à sua formação integral e saudável. Da mesma forma, nos fazem valorizar a cultura popular, com suas festas e jogos, uma vez que conservam e expressam nossa memória mais remota, nossas origens ancestrais.

Do carnaval, festejo popular cujas raízes também se afirmam em terreno sagrado, mágico e antiquíssimo, temos relatos e fotos da participação efetiva da família, 'brincando'. No início do século XX, o entrudo, brincadeira herdada de costumes ibéricos, era festejado nas casas, nos bailes e nas ruas. Consistia basicamente em atirar bolas de cera cheias de água uns nos outros. Eram chamadas laranjinhas ou limões de cheiro. Na família, as mães, por muitos carnavais, fizeram fantasias para as crianças, que gostavam de se fantasiar e brincar de fazer sanfoninhas com as serpentinas de papel e guerras de confete.

- Os jogos e brincadeiras presentes no dia a dia da família ao longo do tempo

O costume de se reunir aos domingos para o almoço, prevaleceu desde o começo do século XX, e se preservou por muitos anos. Inicialmente, em casa de Vovô Zuza. "À mesa, não se envelhece", já rezava o ditado popular, e os almoços duravam horas, com as pessoas conversando e rindo. O cafezinho que arrematava o almoço, era servido pessoalmente por Vovó, e passado de mão em mão até que todos estivessem servidos. Como ela também gostava de brincar, por vezes, colocava em uma das xícaras, uma pitada de sal e se divertia ao ver quem a receberia.

Esta casa era cercada por um grande quintal, inclusive com árvores frutíferas, onde os netos brincavam muito, andavam de bicicleta, brincavam de pega-pega, esconde-esconde. As netas também batizavam suas bonecas, com vestidos brancos, feitos pelas mães ou pela avó, num ritual sob sua árvore favorita. Dentro de casa, em dias de chuva ou à noite, vovó ensinava aos netos e bisnetos alguns jogos de movimento e estratégia, como o chamado "Foguinho", em que nos sentávamos em várias cadeiras colocadas distantes umas das outras, em círculo, e tínhamos que trocar de lugar enquanto uma de nós, em pé, ao percorrer a roda, procurava roubar um dos assentos ocupados. A prática de atividades físicas, muito amada pelas crianças, revela-se cada vez mais por sua capacidade de promover, conservar e recuperar a saúde ao longo da vida, como serviços públicos de saúde vem reconhecendo e incentivando (Fontaine, 2000).

Ensinava também jogos que exigiam objetividade e lógica, como o jogo 'Amigo ou amiga', no qual, um objeto, por exemplo, 'travesseiro', era escolhido em segredo pelo grupo e deveria ser adivinhado por uma das crianças, ausente na

hora da escolha, por meio de perguntas bem objetivas e curtas, tais como: 'Como gosta?', 'Quando gosta?', 'Porque gosta?'. Este jogo ensinava as crianças a pensar de forma objetiva e lógica e era muito apreciado por todos. Vovó também ensinou aos netos a 'língua' do "Ai-enter-imes-ober-ufat", como dizia, que substituiu as vogais. Assim, por exemplo, quando você quer perguntar "Vamos brincar?", você diz "Vaimoberesse brimesenecaierre?". Parece complicado e difícil, mas as crianças falavam correntemente nessa 'língua', o que exige agilidade mental.

Vovó conhecia e apreciava vários jogos, como o crappaud, (sapo, em francês) um jogo de cartas que exige raciocínio estratégico e memória. Outros jogos de cartas eram menos praticados, mas eram também apreciados. O acaso e a sorte presentes nos jogos de azar, como em vários dos carteados, nos transportam para uma dimensão fora da realidade, do aqui e agora, distanciamento este que pode ser sentido de forma tão forte e viva, gerar tanta emoção, prazer e envolvimento, que quando vivido repetidas vezes pode nos transportar para uma diferente realidade, podendo vir a comprometer nossa percepção de possíveis riscos e perdas ao desenvolvimento e manutenção de nossa saúde mental, de nossa identidade... Daí a necessidade de eles serem praticados em ambiente conhecido, e com baixa frequência, para que a criança ou adolescente aprenda a viver o imaginário, com suas emoções e aberturas, mas que aprenda a manter seus pés no chão, seu contato efetivo com o real (Oliveira, 1992).

Vovó contava também histórias e estava sempre fazendo um trabalho de agulha, mantendo uma caixa recheada de retalhos, restos de fitas, lãs e linhas, o que fazia a alegria das netas menores.

Também gostava de ouvir os netos, conversando com eles, de forma simples e amorosa, sem se preocupar em ensiná-los ou corrigi-los, apenas ouvindo o que eles queriam contar, enquanto fazia seu crochet. Era uma excelente ouvinte, o que os incentivava a desenvolver sua capacidade narrativa, a falar de si. Desta forma, contribuía já para a prevenção e manutenção da saúde mental das crianças da família, como comprovam pesquisas atuais (Garcês, Pocinho & Neves de Jesus, 2013).

As férias escolares, várias delas passadas em praias ou fazendas, foram ocasiões privilegiadas para que as crianças brincassem ao ar livre, em contato com a natureza, com muita liberdade. Nas praias, o dar longas caminhadas catando conchinhas e caramujos, encontrados em grande quantidade há tempos atrás, era um grande alegria, assim como o construir grandes castelos de areia com torres e poços, indo com seus baldinhos, vezes sem fim buscar água no mar para, com a areia, construir seus castelos enfeitados com conchas. Brincar é, sem dúvida um refazer sem fim, que as crianças adoram e que as preparam para a vida, aprendendo a ter paciência e perseverança na vida para enfrentar seus vários desafios e obstáculos. Segundo Bordes (2012), nos jogos de construção, como no caso aqui descrito da construção de castelos de areia, a preocupação estética

fica evidente, inclusive na decoração. Assim também reflete como a engenharia utilizada pela criança para construir suas pontes e torres, evidencia seu raciocínio lógico e sua capacidade de examinar e escolher de forma criteriosa materiais apropriados para atingir seus fins, atenta à resistência dos mesmos, avaliando, por exemplo, as diversas proporções presentes ao combinar areia e água. O autor menciona como a arquitetura moderna, com sua alta tecnologia e suas novas tendências estéticas, de certa forma, faz eco, como diz, a tais brincadeiras infantis, inspira-se no potencial criativo dos jogos de construção das crianças.

Vale ainda mencionar o quanto as crianças, ao longo dessas gerações, brincaram com animais, principalmente com gatos e cachorros e deles cuidaram com muito cuidado e afeto. A Psicologia, por reconhecer o quanto as crianças se identificam com os animais, utiliza-se de suas imagens em testes projetivos, como o Children's Apperception Test (Faust & Ehrich, 2001).

Conclusão

O acompanhamento da história desta família foi possibilitado por registros, mas, principalmente, por sua tradição de conversar, de narrar episódios vividos, contextualizando-os de forma viva e colorida, o que prendia a atenção dos ouvintes, inclusive das crianças. Acredita-se que esse recordar da história vivida, através das gerações, tenha contribuído para uma reconstrução contínua do passado em comum, possibilitando o fortalecimento da memória familiar e, conseqüentemente, de sua saúde mental.

Essas narrativas, ao passar de geração em geração, criaram uma cultura familiar do narrar. Da mesma forma, o brincar, em suas múltiplas formas, uniu a família e passou a fazer parte significativa dos dias em que se reuniam. Tal brincar, descontraído e espontâneo, criado em experiências de convívio familiar, ajudou a criar e desenvolver em seus membros, por várias gerações, uma forma alegre e saudável de conviver.

No desenrolar dessa história, os rituais também tiveram uma grande importância, quer os de fundo religioso, como o Natal, quer os do dia a dia, como o almoço aos domingos. Foram significativos por marcar no tempo momentos de encontros periódicos que chamavam a todos da família a se reunir, e também, por possibilitar que tivessem um espaço, um território próprio, no caso, a casa da(s) avó(s), diferentes a cada geração. Desta forma a tradição de tempos e espaços muito contribuiu para fortalecer os laços familiares.

O passar do tempo, contudo, ao trazer grandes alterações nos costumes, exigiu da família boa dose de flexibilidade para inová-los, sem perder seu valor primeiro de união. A rápida e progressiva entrada das mulheres no mercado de trabalho, observada no século XX, as mudanças ocorridas na escolarização

de crianças e jovens, enxugando muitas vezes tempos e espaços do brincar em prol de disciplinas formais, contribuíram, entre outros fatores, para que o tempo disponível para estar junto, conversar e brincar, quer em casa, quer na escola, diminuísse. Tempo este, ainda a ser disputado pelo gasto com a televisão, com o computador, com o celular...

De forma complementar, as mudanças sofridas nas cidades, principalmente nas grandes metrópoles, como São Paulo, atualmente com 16 milhões de habitantes, congestionaram espaços, enxugaram os quintais das casas, atropelaram o dia a dia das pessoas, exigindo muita programação para o cumprimento dos compromissos, roubando tempo do lazer e do convívio.

O grande e progressivo aumento de membros da família aqui enfocada, bem como a diversidade dos mesmos, acarretou também mudanças, o que, longe de comprometer sua união, tem contribuído para alargar e expandir seus horizontes e transcorrido de forma natural e cordial. Ao correr do tempo, as mulheres da família, agora em seus diversos ramos de atividade profissional, chamaram a si o costume de manter viva a chama dos rituais, a exemplo da Avó primeira, e têm reunido suas famílias sempre que podem, para almoçar, conversar e brincar. Respeitando a liberdade, criatividade e espontaneidade, têm mantido abertos os canais de comunicação que preservam a alegria e a saúde mental da família e a introduzem gradualmente na corrente do tempo que não retorna, mas a impele à frente, a bordo do navio chamado cultura.

Referências

- Azevedo, A. A. P. (2010). A brinquedoteca no ambiente hospitalar ambulatorial. In: A. Pérez-Ramos, & V. B. Oliveira (Orgs.) *Brincar é Saúde. O lúdico como estratégia preventiva* (pp. 23-40). Rio de Janeiro: WAK.
- Benjamin, W. (1984). *A criança o brinquedo e a educação*. Trad. Marcus V. Mazzari. São Paulo: Sumus.
- Bertucci-Martins, L. M. (2005). Aprendendo com o passado. Campinas e a gripe de 1918. In: *Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz* (p. 1-8). Londrina: ANPUH.
- Bordes, J. (2012). *Historia de los juguetes de construcción*. Colección Arte Grandes Temas. Madrid, Spain: Ediciones Cátedra.
- Caillois, R. (1992). *Les jeux et les hommes. Le masque et le vertige*. Paris, France: Gallimard.
- Cassirer, E. (1977). *Antropologia filosófica. Ensaio sobre o homem*. Trad. Vicente Felix de Queiroz, São Paulo, Brasil: Mestre Jou.
- Castro, A. M.; Gosch, C. S., & Cruz, D. K. A (2009). *A Política Nacional de Promoção da Saúde e a agenda da atividade física no contexto do SUS e Serviços de Saúde*.

- Epidemiol. Serv. Saúde, 18, 1-4. doi: 10.5123/S1679-49742009000100008
- Eliade, M. (1969). *Le mythe de l'éternel retour*. Paris: Gallimard.
- Faust J., & Ehrich S. (2001). Children's Apperception Test (C.A.T.). In: W. I. Dorfman, & M. Hersen (Eds.). *Understanding Psychological Assessment. Perspectives on Individual Differences* (pp. 295-312). Dordrecht: Kluwer Academic/Plenum Publishers.
- Fonseca, E. S. (2010). O lúdico no desenvolvimento e na aprendizagem da criança hospitalizada. In: A. Pérez-Ramos, & V. B. Oliveira (Orgs.) *Brincar é Saúde. O lúdico como estratégia preventiva* (pp.203-224). Rio de Janeiro: WAK.
- Fontaine, K. R. (2000). Physical Activity Improves Mental Health The Physician and Sportsmedicine. Volume 28- Issue 10. Published online: 19 Jun.
- Garcês, S., Pocinho, M., & Neves de Jesus, S. (2013). Predição da criatividade e saúde mental. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 14(2), (pp.272-279).
- Going, L. C., & Carneiro, M. A. B. (2010). O Brincar e a brinquedoteca na formação de profissionais em pedagogia hospitalar. In: A. Pérez-Ramos, & V. B. Oliveira (Orgs.) *Brincar é Saúde. O lúdico como estratégia preventiva* (pp.171-202). Rio de Janeiro: WAK.
- Huizinga, J. (2004). *Homo Ludens, O jogo como elemento de cultura* (5ª ed.). São Paulo, Brasil: Perspectiva.
- Lane, S. T. M (2002). *O que é Psicologia Social*. Brasiliense (22ª ed.). São Paulo: 4ª reimpressão.
- Lobo, P. O. (1949, 16 de fevereiro). Dr. José Barbosa de Barros - vida que foi, exemplo que permanece. *Correio Popular*, p.1.
- Lyons, A. C., & Chamberlain, K. (2008). *Health psychology. A critical introduction*. U.K, Cambridge Univ. Press.
- Maffesoli, M. (1996). *Elogio da razão sensível* (3ª ed.). Trad. Albert C. M. Stuckenbruck. Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Oliveira, V. B. (1992). *O símbolo e o brinquedo. A representação da vida*. (2ª. ed.). Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Oliveira, V. B. (2003). Os rituais simbólicos e a saúde: uma leitura neuropsicológica. In V. B. Oliveira, & K. Yamamoto (Orgs.). *Psicologia da saúde: Temas de reflexão e prática* (pp.103-136). São Bernardo do Campo, Brasil: Universidade Metodista de São Paulo.
- Oliveira, V. B. (2006). *Rituais e brincadeiras*. Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Oliveira, V. B. (2008). O brincar no hospital e a aderência ao tratamento. In: M. M. M. Siqueira, S. N. Jesus, & V. B. Oliveira (Orgs.) *Psicologia da Saúde. Teoria e Prática*. (pp.199-218). São Bernardo do Campo, Brasil: Universidade Metodista de São Paulo.
- Oliveira, V. B. (2010). O brincar da criança hospitalizada: o que dizem os trabalhos? In: A. Pérez-Ramos, & V. B. Oliveira (Orgs.) *Brincar é Saúde. O lúdico como estratégia preventiva* (pp.41-76). Rio de Janeiro: WAK.

- Oliveira, V. B., Solé, M. B., & Fortuna, T. R. (2010). *O Brincar com o outro. Caminho de saúde e bem-estar*. Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Oliveira, V. B., Sawaya Filho, P. H., & Vilhena, L. (2014). *Os Barbosa de Barros*. São Paulo: Editora 34.
- Oliveira, V. B. (2018). *A Rita contava histórias*. E-book, Amazon. <http://amzn.to/2kUW0Bn>
- Pena, J. (1949, 16 de fevereiro). *Vida e Obra de Barbosa de Barros*. *Correio Popular*, p.1.
- Pérez-Ramos, A. M. Q. (2010). Progressos científicos na qualidade de vida das crianças; o lúdico como estratégia preventiva. In: A. Pérez-Ramos, & V. B. Oliveira (Orgs.) *Brincar é Saúde. O lúdico como estratégia preventiva* (pp.23-40). Rio de Janeiro: WAK.
- Perrone, R. A. P. (2015). *Lo lúdico en el hospital*. In: A. Díaz-Román, E. Hita-Yáñez, & M. T. Ramiro (Org.). *Avances en Psicología Clínica* (pp. 227-236). Granada: Asociación Española de Psicología Conductual.
- Perrone, R. A. P., & Figueiredo, M. F. N. (2014). *Lo lúdico como estrategia de adaptación a la enfermedad y a la hospitalización de pacientes adultos*. In: A. Díaz-Román, E. Hita-Yáñez, & M. T. Ramiro (Org.). *Avances en Psicología Clínica* (pp. 814-822). Granada: Asociación Española de Psicología Conductual.
- Perrone, R. A. P., & Oliveira, V. B. (2017). *O nascimento prematuro*. *Revista Psicologia da Criança e do Adolescente*, 8(1), 139-154.
- Piaget, J. (1964). *La formation du symbole chez l'enfant. Imitation, jeu et rêve, image et représentation*. Neuchâtel, Switzerland: Delachaux et Niestle.
- Reis, K., & Bichara, I. (2010). *A brincadeira como ação no mundo: o modus operandi da criança no enfrentamento da doença e da hospitalização*. In: A. Pérez-Ramos & V. B. Oliveira (Orgs.) *Brincar é Saúde. O lúdico como estratégia preventiva* (pp.77-100). Rio de Janeiro: WAK.
- Severino, A. J. (1996). *Metodologia do trabalho científico. Revista e ampliada*. São Paulo, Brasil: Cortez.
- Silva, M. M., Borges, E. P., & Mendonça, F. M. A. (2010). *O brincar para as crianças hospitalizadas e suas mães*. In: A. Pérez-Ramos, & V. B. Oliveira (Orgs.) *Brincar é Saúde. O lúdico como estratégia preventiva* (pp.101-132). Rio de Janeiro: WAK.
- Smith, V. H., Sperb, T. M. (2007). *A construção do sujeito narrador: pensamento discursivo na etapa personalista*. *Psicologia em Estudo*, 12(3), 553-562.
- Siqueira, M. M. S., & Padovan, V. A. R. (2008). *Suporte social*. In: M. M. M. Siqueira, S. N. Jesus, & V. B. Oliveira (Orgs.) *Psicologia da Saúde. Teoria e Prática*. (pp. 65-84). São Bernardo do Campo, Brasil: Universidade Metodista de São Paulo.
- Spink, M. J. P. (2003). *Psicologia social e saúde. Práticas, saberes e sentidos*. Petrópolis, Brasil: Vozes.

- Vieira, T., Matos, D. P., Ivo, D. M. T. S., & Carneiro, M. S. (2010). A criança com leucemia, o seu tratamento e o brincar. In: A. Pérez-Ramos, & V. B. Oliveira (Orgs.) *Brincar é Saúde. O lúdico como estratégia preventiva* (pp. 133-170. Rio de Janeiro: WAK.
- Winnicott, D. W. (2005). *Playing and Reality*. London and New York: Routledge Classics.
- World Health Organization (1948). World Healthing Assembly, Genebra, Suíça. <http://www.who.int/mediacentre/events/governance/wha/en/>, on Janeiro, 17, 2018.
- Wyrostok, N. (1995). Ritual as a psychotherapeutic intervention. *Psychotherapy Autumn*, 32(3), 397-404.